

**USOS MÚLTIPLOS DE PLANTAS DO CERRADO: UM ESTUDO
ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE SÍTIO PINDURA, ROSÁRIO OESTE,
MATO GROSSO, BRASIL**

Déborah Luíza Moreira*

Germano Guarim-Neto

Depto. de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociências. Universidade Federal de Mato Grosso. 78 060-900 – Cuiabá - MT.

Correio eletrônico: demoreiranx@yahoo.com.br; guarim@ufmt.br

RESUMO

Em virtude do impacto causado pela agropecuária e pelo acelerado processo de industrialização, a flora do Cerrado vem sendo profundamente alterada, assim como a cultura popular das pessoas que vivem desse bioma, pelo avanço da cultura moderna. Neste contexto, sob o enfoque da etnobotânica, o presente trabalho tem o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as espécies e famílias botânicas com potencial de uso no cerrado. A presente pesquisa foi realizada na Comunidade Sítio Pindura, no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil (lat. 14° 49' 41" S, e long. 56° 24' 51" W). Foi utilizada a técnica de "bola de neve" (snow ball), para a escolha dos 35 informantes. Para coleta dos dados foram usadas entrevistas semi-estruturadas, questionários, e percursos em trilhas no cerrado com moradores da Comunidade. No levantamento etnobotânico foram catalogadas 142 espécies, pertencentes a 123 gêneros e distribuídas em 60 famílias botânicas. As espécies vegetais foram incluídas em diversas categorias de uso, tais como: alimentar,

construção civil, lenha, medicinal, mourões e cercas, entre outras. Foi constatado um grande conhecimento sobre a flora do cerrado, através da intensa utilização de plantas nativas pelos moradores locais. O saber local sobre os recursos vegetais do cerrado tem origem nas adaptações humanas e interações com o ecossistema, conhecimento adquirido através de observações e vivências com o meio ambiente, e que possibilita um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas.

Palavras-chave: Flora, Cerrado, Múltiplos usos, Etnobotânica.

RESUMEN

Debido al impacto causado por la agropecuaria y por el acelerado proceso de industrialización, la flora de las sabanas está siendo profundamente alterada, así como la cultura popular de este bioma por el avance de la cultura moderna. En este contexto el presente trabajo tiene el objetivo de ampliar el conocimiento sobre las especies y familias botânicas con potencial de uso en el

**Bolsista CAPES.*

cerrado dentro del contexto etnobotánico que presupone la relación establecida entre seres humanos y plantas. Este estudio fue realizado en la comunidad “Sítio Pindura”, en el municipio de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil (lat. 14° 49’ 41” S, e long. 56° 24’ 51” W). Para la colecta de datos fue utilizada la técnica *snow ball*, donde fueron entrevistados 35 informantes, en entrevistas semiestructuradas, cuestionarios y recorrido de trillas en la región con habitantes de la comunidad. Fueron catalogadas 142 especies, pertenecientes a 123 géneros y distribuidas en 60 familias botánicas. Las especies vegetales fueron incluidas en diversas categorías de uso, tales como: medicinal, alimentaria, leña, construcción, vigas y cercas, entre otras. La comunidad reveló un gran conocimiento sobre la flora de la sabana, a través de la intensa utilización de plantas nativas en su cotidiano. Así, los datos reflejan que este saber local sobre los recursos vegetales de las sabana tiene origen en las adaptaciones humanas e interacciones con el ecosistema, conocimiento adquirido a través de observaciones y vivencias con el medio ambiente, posibilitando un saber ecológico que se materializa en sus prácticas cotidianas.

Palabras clave: flora, sabana, usos múltiples, etnobotánica.

INTRODUÇÃO

O bioma cerrado está localizado basicamente no planalto central do Brasil e é o segundo maior bioma do país em área, apenas superado pela floresta amazônica (Ribeiro & Walter, 1998). Segundo Mendonça *et al.* (1998) este bioma possui uma flora estimada em sete mil espécies.

Entretanto, o crescimento populacional e a demanda por mais alimentos, associados às condições edafo-climáticas favoráveis do cerrado, transformou essa região em importante área para atividades agropecuárias. O ritmo acelerado desta ação antrópica nas últimas décadas tem levado à perda de material genético vegetal nativo, praticamente desconhecido do ponto de vista científico (Viera & Martins, 2000).

Ainda há necessidade de estudos voltados para a identificação de plantas potencialmente úteis do cerrado, principalmente quando comparada à diversidade e à área ocupada. O desconhecimento de sua riqueza e possibilidades são graves lacunas, especialmente quando Ratter *et al.* (1997) estimam que cerca de 40% do bioma já tenha sido devastado e Kaplan *et al.* (1994) mostram que o cerrado possui somente 1.5% de sua extensão protegida por lei, sendo atualmente a vegetação em maior risco no Brasil. É preciso considerar que os recursos vegetais encontrados neste bioma, uma vez extintos, estarão indisponíveis às futuras gerações. Entre estes, por exemplo, pode-se considerar o recurso terapêutico oferecido pelas plantas medicinais (Guarim-Neto & Moraes, 2003).

Guarim Neto (2001) ressalta que o cerrado no estado do Mato Grosso apresenta-se ainda repleto de possibilidades de aproveitamento dos seus recursos vegetais, e os primeiros detentores desse conhecimento botânico são as populações locais que utilizam desses recursos vegetais.

Em virtude do impacto causado pela agropecuária e pelo acelerado processo de industrialização, a flora do cerrado vem sendo

reduzida, assim como a rica cultura popular, pelo próprio avanço da cultura moderna.

Neste contexto este trabalho tem o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as espécies e famílias botânicas com potencial de uso no cerrado, tornando esta informação disponível a posteriores pesquisas.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O presente estudo foi realizado em uma zona rural conhecida por Sítio (comunidade) Pindura, distante cerca de 24 km da sede de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. O município de Rosário Oeste pertence à mesorregião Centro-Sul Mato-grossense, distante aproximadamente 124 km da Capital, Cuiabá, trafegando pela BR-163. Apresenta uma área de 8 530,37 km² de superfície territorial, localizando-se geograficamente entre 14°50' 10" S de latitude e 56°25' 39" W de longitude, a 192 m de altitude.

O número de habitantes está em torno de 18.450 com densidade demográfica de 2.17 hab/Km², sendo que 43% da população estão concentrados em zona rural (IBGE, 2000). As principais atividades econômicas do município são baseadas na agropecuária, acentuando-se o cultivo de arroz e milho, havendo, em menor escala, atividades não econômicas como a agricultura de subsistência (Ferreira, 2001).

A formação geológica do município caracteriza-se por coberturas dobradas do Proterozóico, Grupo Alto Paraguai e Cuiabá. Os solos predominantes são Podzólico vermelho amarelo (Tb Eutrófico abrupto A moderado, textura média/argilosa, relevo

suave ondulado) e Cambissolo (Tb Álico A moderado, textura média, relevo suave ondulado). O relevo é do planalto dos Guimarães, depressão rio Paraguai, província serrana, calha do rio Cuiabá (Ferreira, 2001).

A bacia hidrográfica relaciona-se as grandes bacias do Amazonas como a bacia do Prata Miranda & Amorim (2000). O município abriga as cabeceiras mais altas do importante rio Cuiabá. O clima é tropical quente e sub-úmido, com período de 5 meses de seca, a temperatura média anual é em torno dos 24° C e a precipitação anual em torno de 2000 mm. Pela classificação climática de Köppen pode-se caracterizar o clima local em Tropical de Savana (Aw).

Entre as fisionomias componentes do cerrado do município de Rosário Oeste estão o cerrado (*stricto sensu*), o cerrado de encosta, o cerradão, o campo-limpo, o campo-sujo, a mata ciliar (de cursos d'água no cerrado, temporários; das margens do rio Cuiabá, com feição florestal), a vereda/buritizal, o campo úmido, o campo de murundus (Guarim Neto *et al.*, 2007).

Métodos de coleta de dados

Foram utilizadas técnicas etnográficas correntes, sendo priorizado uma abordagem qualitativa na coleta de dados. Usando questionários estruturados, entrevistas semi-estruturadas e percursos em trilhas no cerrado, realizada com os moradores, diário de campo e gravação.

As categorias de uso amostradas na Tabela 1 e a aplicabilidade terapêutica das espécies medicinais tratada na Tabela 2 seguiram a classificação êmica.

No protocolo de campo, inicialmente foi feita uma visita para o reconhecimento da área de estudo, com o intuito de contatar moradores da comunidade para o desenvolvimento do estudo.

Foram entrevistados 35 informantes, incluídos na amostra através da técnica de bola de neve (snow ball) (Thiollent, 1994, Becker, 1993). Foram priorizados atores sociais como raizeiros, benzedeadas, antigas parteras, pessoas idosas e antigos moradores, com base nos pressupostos etnobotânicos de Martin (1995) e Alexiades (1996), que estabelecem critérios e formas dessa obtenção.

As visitas aos domicílios ocorreram nos períodos matutino e vespertino, e as entrevistas foram feitas de forma individual, na residência dos informantes.

Ao utilizar os recursos vegetais o ser humano estabelece uma relação com o ambiente, elaborando um conceito próprio de seus elementos, definindo as relações etnoecológicas locais entre ele e o ecossistema, através da valoração que dá as plantas. A relativa importância de cada uso para as plantas que conhece e que maneja são expressas por informações que apontam o grau de consenso entre os informantes para determinada espécie vegetal, ou seja, o valor de uso, refletindo as preferências das espécies mencionadas para os diversos usos particulares. Informações consensuais de valor de uso refletem a importância de cada uso ou espécie por informante, visto que, em um maior número de situações, é razoável assumir que o aumento de evidência sobre um dado uso ou planta refletirá, provavelmente, na menção destes (Phillips, 1996).

“Valor de uso de cada espécie” (**VU_{sp}**) representa a importância cultural das espécies.

Para calcular o “valor de uso” empregou-se:

a. O “valor de uso de cada espécie” (**U_{spi}**) por cada informante (*i*), dado como:

$$U_{spi} = \frac{\sum U_{spi}}{N_{spi}}$$

Onde, **U_{spi}** é o número de usos mencionados por informante *i* por espécie *sp* em cada evento, e **n_{spi}** é o número de eventos com o informante *i* por espécie *sp*.

b. O “valor de uso global de cada espécie” (**VU_{sp}**), dado como:

$$VU_{sp} = \frac{\sum VU_{spi}}{ns}$$

Onde, **ns** é o número de informantes entrevistado por cada espécie.

O valor de uso global das espécies foi calculado somente para planta citada por mais de um ator social.

O material botânico não identificado em campo foi identificado por meio de consulta a especialista, por meio de bibliografias especializadas e através da comparação com excisas do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso. A grafia dos taxa e dos autores foi conferida por meio da consulta à base de dados do Missouri Botanical Garden.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento etnobotânico foram catalogadas 142 espécies do cerrado, pertencentes a 123 gêneros e distribuídas em 60 famílias. A família botânica com maior número de espécies foi Fabaceae (19 espécies), seguida de Bignoniaceae (7 espécies) e Apocynaceae e Vochysiaceae com seis espécies cada (tabela 1).

As espécies vegetais catalogadas foram incluídas em diversas categorias de uso, tais como: medicinal, alimentar, lenha, construção, mourões/cercas, moveis e utensílio (Fig. 1). As categorias nas quais as plantas foram agrupadas correspondem às categorias éticas, nomeadas pelos pesquisadores.

A categoria de uso mais representativa foi a medicinal (122 espécies), como *Camarea ericoides* A. St.-Hil.(arnica), *Palicourea xanthophylla* M. Arg. (douradinha), *Simaba ferruginea* A. St.-Hil. (calunga), seguin-

do-se as espécies com uso alimentar (21 espécies), como *Hancornia speciosa* B.A. Gomes (mangaba), *Eugenia dysenterica* DC. (orvalho), *Ecclinusa ramiflora* Mart. (fruta-banana) e para lenha (21 espécies), como *Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg. (angico), *Byrsonima coccolobifolia* Kunth (semaneira), *Dipteryx alata* Vogel (cumbaru). Sendo que 45 espécies pertencem a mais de uma categoria de uso.

As espécies usadas com finalidades medicinais muitas vezes pertencem também a outras categorias. Entre estas podemos citar *Dipteryx alata* Vogel (cumbaru), *Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg. (angico), *Hancornia speciosa* B.A. Gomes (mangaba), mostrando assim uma multiplicidade de usos e maximização do recurso. A categoria medicinal é representativa em trabalhos realizados no estado de Mato Grosso, como apontam van den Berg (1980), Guarim Neto (1984; 1987; 1996), Duarte (2001), Morais (2003) e Xavier (2005).

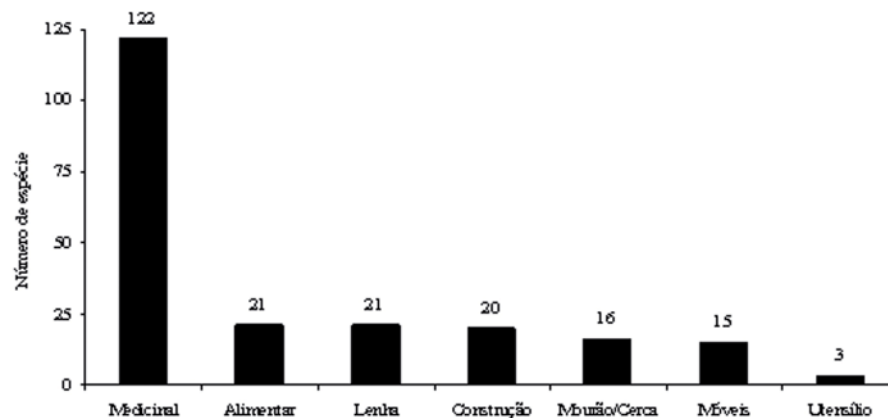


Fig. 1. Categorias de usos das espécies catalogadas no levantamento etnobotânico na Comunidade Sítio Pindura, Mato Grosso, Brasil.

Tabela 1. Espécies do cerrado utilizadas pela Comunidade Sítio Pindura, MT.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|---------------------|-----------------------------------------------------|------------------|------------------|------|
| Acopará | <i>Rhedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana | Clusiaceae | Me | 1 |
| Aguaçú | <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng. | Areaceae | Me, A | 1.14 |
| Algodão-do-campo | <i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg. | Cochlospermaceae | Me | 1.25 |
| Amburana | <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm. | Fabaceae | Me, Mo | 1 |
| Amescica | <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand | Bursaceae | Me | 2 |
| Ananás, ananazinho | <i>Ananas sativus</i> Schult. & Schult. f. | Bromeliaceae | Me, A | 1 |
| Angélica, tibornia | <i>Himatanthus obovata</i> (M. Arg.) Woo | Apocynaceae | Me | 1.33 |
| Angico | <i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg. | Fabaceae | Me, Le, MC, Mo | 1.84 |
| Angiquinho | <i>Calliandra parviflora</i> Benth. | Fabaceae | Me | 1 |
| Araçá | <i>Psidium firmum</i> O. Berg | Myrtaceae | Me, A | 1.21 |
| Arnica, arniquinha | <i>Camarea ericoides</i> A. St.-Hil. | Malpighiaceae | Me | 1.21 |
| Aroeira | <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão | Anacardiaceae | Me, Le, Cç, MC | 3.57 |
| Assa-peixe | <i>Vernonia ferruginea</i> Less. | Asteraceae | Me | 1.25 |
| Azedinha | <i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex Zucc. | Oxalidaceae | Me | 1.16 |
| Barbatimão-vermelho | <i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart. | Bignoniaceae | Me | 1.28 |
| Barbatimão; faveira | <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville | Fabaceae | Me | 1.28 |
| Bataão | <i>Holostylis reniformis</i> Duch. | Aristolochiaceae | Me | 1.66 |
| Birici, semaneira | <i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth | Malpighiaceae | Me, A, Le | 1.28 |
| Birici, semaneira | <i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. Ex Juss. | Malpighiaceae | Me, A, Le | 1.07 |
| Bocaúveira | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. | Areaceae | Me, A, Ut | 1.76 |
| Buriti | <i>Mauritia flexuosa</i> L. f. | Areaceae | Me, A, Ut | 1.14 |
| Bútua | <i>Cissampelos ovalifolia</i> DC. | Menispermaceae | Me | 1 |
| Caiaipiá, carapiá | <i>Dorstenia asaroides</i> Hook. | Moraceae | Me | 1.18 |
| Caíarana | <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer | Meliaceae | Me | 1 |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------|----------------|------------------|------|
| Cajuzinho-do-campo | <i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil. | Anacardiaceae | Me, A | 1.3 |
| Calção-de-velho | <i>Cordia insignis</i> Cham. | Boraginaceae | Me | 1.33 |
| Calunga | <i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil. | Simaroubaceae | Me | 1.46 |
| Cambará-amarelo, escorrega-macaco | <i>Vochysia divergens</i> Pohl | Vochysiaceae | Me, Cç, Mo | 1.25 |
| Caninha-do-brejo | <i>Costus arabicus</i> L. | Zingiberaceae | Me | 1 |
| Capim-barba-de-bode | <i>Bulbosylis spadiceus</i> (H. B. K.) Kuk. | Cyperaceae | Me | 1 |
| Capim-sapé | <i>Imperata brasiliensis</i> Trin. | Poaceae | Me | 1.12 |
| Capotão | <i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil | Vochysiaceae | Me, MC | 1 |
| Carandá | <i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton | Arecaceae | Me | 1 |
| Carobinha | <i>Jacaranda decurrens</i> Cham. | Bignoniaceae | Me | 1.15 |
| Carrapicho | <i>Acanthospermum hispidum</i> DC. | Asteraceae | Me | 1.08 |
| Carvão-branco | <i>Callisthene fasciculata</i> Mart. | Vochysiaceae | Me, Cç, MC | 1.42 |
| Cedro | <i>Cedrela fissilis</i> Vell. | Meliaceae | Me, Mo | 1 |
| Chá-de-frade, guaçatonga | <i>Casearia sylvestris</i> Sw. | Flacourtiaceae | Me | 1.27 |
| Chapéu-de-couro | <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli | Alismataceae | Me | 1 |
| Chá-porrete | <i>Centaurium umbellatum</i> subsp. <i>austriacum</i> Ronn. | Gentianaceae | Me | 1 |
| Chico-magro | <i>Guazuma ulmifolia</i> Lam. | Sterculiaceae | Me | 1.1 |
| Cinco-folhas | <i>Serjania erecta</i> Radlk. | Sapindaceae | Me | 1 |
| Cinco-folhas-do-campo | <i>Acosmium elegans</i> Vogel | Fabaceae | Me | 1.08 |
| Cipó-chumbo | <i>Cassytha filiformis</i> L. | Lauraceae | Me | 1 |
| Congonha, erva-molá | <i>Rudgea virbunioides</i> (Cham.)Benth. | Rubiaceae | Me | 1 |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|----------------------------|--------------------------------------------------------------|---------------|-----------------------|------|
| Coroa-de-frade | <i>Discocactus heptacanthus</i> (Barb. Rodr.) Britton & Rose | Cactaceae | Me | 1 |
| Cumba | <i>Craniolaria integrifolia</i> Cham. | Martyniaceae | Me | 1 |
| Cumbaru | <i>Dipteryx alata</i> Vogel | Fabaceae | Me, Le, Cç, MC, A | 2.69 |
| Douradão | <i>Palicourea rigida</i> Kunth | Rubiaceae | Me | 1 |
| Douradinha | <i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg. | Rubiaceae | Me | 1.33 |
| Embaúba | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | Cecropiaceae | Me | 1.18 |
| Erva-molá | <i>Croton antisiphiliticus</i> Mart. | Euphorbiaceae | Me | 1 |
| Erva-de-passarinho | <i>Psittacanthus</i> sp. | Loranthaceae | Me | 1.12 |
| Figueira | <i>Ficus</i> sp. | Moraceae | Me | 1 |
| Fruta-do-lobo | <i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil. | Solanaceae | Me, A | 2 |
| Gerbão | <i>Stachytarpheta dichotoma</i> (Ruiz & Pav.) Vahl | Verbenaceae | Me | 1.3 |
| Gergilim-do-mato, anjelim | <i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke | Fabaceae | Me, MC, Cç, Mo | 1.75 |
| Gonçaleiro | <i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng. | Anacardiaceae | Me, MC | 1 |
| Gravatá | <i>Bromelia balansae</i> Mez | Bromeliaceae | Me | 1 |
| Hortelã-do-campo | <i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth. | Lamiaceae | Me | 1.75 |
| Insulina | <i>Cissus sicyoides</i> L. | Vitaceae | Me | 1 |
| Ipê-roxo | <i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl. | Bignoniaceae | Me, Cç, MC | 2.25 |
| Japecanga | <i>Smilax goyazana</i> A. DC. | Smilacaceae | Me | 1 |
| Jatobá | <i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne | Fabaceae | Me, Le, Cç, MC, Mo, A | 2.78 |
| Jequitibá, pilão-de-macaco | <i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze | Lecythidaceae | Me, Cç, Mo | 1.4 |
| João-da-costa | <i>Peixotoa hirta</i> Mart. | Malpighiaceae | Me | 1.11 |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|---------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|---------------|------------------|------|
| Lixeira | <i>Curatella americana</i> L | Dilleniaceae | Me, Le, Mo | 1.92 |
| Lixeirinha, lixinha | <i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil. | Dilleniaceae | Me | 1.22 |
| Malva-branca | <i>Waltheria douradinha</i> Saint-Hilaire | Sterculiaceae | Me | 1.14 |
| Mama-cadela; algodãozinho | <i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul | Moraceae | Me, A | 2.54 |
| Mamica-de-porca; mama- de-porca | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. | Rutaceae | Me | 1 |
| Manacá | <i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil. | Rutaceae | Me | 1 |
| Mangaba, mangava | <i>Hancornia speciosa</i> B.A. Gomes | Apocynaceae | Me, A | 1.93 |
| Mangava-brava | <i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil. | Lythraceae | Me | 1.18 |
| Mão-de-anta | <i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart. | Bignoniaceae | Me | 1 |
| Maquiné | <i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC. | Cycadaceae | Me | 1 |
| Marcela | <i>Achyrocline satureoides</i> DC. | Compositae | Me | 1.33 |
| Marmelada-bola | <i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC. | Rubiaceae | Me, Le, A | 2.15 |
| Marmelina | <i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore | Rubiaceae | Me, A | 1.33 |
| Milho-de-cobra | <i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott | Araceae | Me | 1 |
| Morcegueira | <i>Andira cuyabensis</i> Benth. | Fabaceae | Me, Cç, Mo | 2 |
| Negramina (quente) | <i>Siparuna guianensis</i> Aubl. | Siparunaceae | Me | 1 |
| Nó-de-cachorro | <i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach. | Malpighiaceae | Me | 1.3 |
| Paininha (3 folhas peq.) | <i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns | Bombacaceae | Me | 1.11 |
| Para-tudo, paratudinho | <i>Gomphrena officinalis</i> Mart. | Amaranthaceae | Me | 1 |
| Tripa-de-galinha, cipó- tripa-de-galinha | <i>Bauhinia glabra</i> Jacq. | Fabaceae | Me | 1.1 |
| Pata-de-vaca (cabeluda) | <i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud. | Fabaceae | Me, Le | 1.28 |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|--------------------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------|------------------|------|
| Pata-de-vaca (lisa) | <i>Bauhinia</i> sp. | Fabaceae | Me | 1 |
| Paratudo | <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl. | Bignoniaceae | Me | 1.41 |
| Pau-d'óleo, oleiro | <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. | Fabaceae | Me, Le | 1.69 |
| Pau-de-alho | <i>Gallea integrifolia</i> (Spreng.) Harms | Phytolaccaceae | Me | 1 |
| Pau-de-bicho (capitão-do-mato) | <i>Terminalia argentea</i> Mart. | Combretaceae | Me | 1 |
| Pau-doce | <i>Vochysia rufa</i> Mart. | Vochysiaceae | Me | 1.12 |
| Pau-terra | <i>Qualea grandiflora</i> Mart. | Vochysiaceae | Me, Le | 1 |
| Pau-terra | <i>Qualea parviflora</i> Mart. | Vochysiaceae | Me, Le | 1.25 |
| Pente-de-macaco | <i>Apeiba tibourbou</i> Aubl. | Tiliaceae | Me | 1 |
| Pinduva, pimentinha | <i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart. | Annonaceae | Me, Le, Cç | 1 |
| Piqui | <i>Caryocar brasiliense</i> Cambess | Caryocaraceae | Me, A | 1.46 |
| Purga-de-lagarto | <i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken | Euphorbiaceae | Me | 1 |
| Gueiroba | <i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc | Arecaceae | Me | 1 |
| Quina | <i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil. | Loganiaceae | Me | 2.06 |
| Rabo-de-caxinganga | <i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm. | Polypodiaceae | Me | 1.66 |
| Raiz-de-bugre | <i>Byttneria melastomifolia</i> A. St.-Hil. | Sterculiaceae | Me | 1 |
| Rosquinha, saca-rolhas | <i>Helicteres sacarolha</i> A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess. | Sterculiaceae | Me | 1.11 |
| Ruibarbo-do-campo | <i>Trimezia juncifolia</i> Klatt | Iridaceae | Me | 1 |
| Salsa-do-mato | <i>Herreria salsaparilha</i> Mart. | Smilacaceae | Me | 1 |
| Sangra-d'água | <i>Croton urucurana</i> Bail. | Euphorbiaceae | Me | 1 |
| Sené | <i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip | Fabaceae | Me | 1.5 |
| Sete-sangria | <i>Euphorbia hyssopifolia</i> L. | Euphorbiaceae | Me | 1 |
| Siputá | <i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don | Hippocrateaceae | Me | 1.07 |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | Vusp |
|------------------------------|----------------------------------------------------------|----------------|------------------|------|
| Sucupira, fava, faveira | <i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth. | Fabaceae | Me, Le, MC, Cç | 2.36 |
| Sussuara | <i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason | Asteraceae | Me | 1 |
| Tapera-velha | <i>Hypsis suaveolens</i> (L.) Poit. | Lamiaceae | Me | 1 |
| Tarumã | <i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng. | Verbenaceae | Me | 1 |
| Timati | <i>Myrcia albotomentosa</i> DC. | Myrtaceae | Me, Le | 1.42 |
| Timbó-mirim | <i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd. | Sapindaceae | Me | 1 |
| Urtiga, juá | <i>Solanum viarum</i> Dun | Solanaceae | Me | 1.16 |
| Velame | <i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg. | Apocynaceae | Me | 1 |
| Veludo-branco | <i>Guettarda viburnioides</i> Cham. & Schl. | Rubiaceae | Me | 1.14 |
| Verga-tesa, alecrim-do-campo | <i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stelfeld & J.F. Souza | Bignoniaceae | Me | 1.2 |
| Vinhático | <i>Plathymenia reticulata</i> Benth. | Fabaceae | Me, Le, MC, Cç | 1.25 |
| Ximbúva | <i>Euterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong | Fabaceae | Me, Le, MC, Mo | 2 |
| Urubamba | <i>Desmoncus polyacanthos</i> Mart. | Areaceae | Ut | NC |
| Timbó | <i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil. | Sapindaceae | Le, Cç, MC | 2 |
| Mirindiba | <i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler | Combretaceae | Le | NC |
| Justa-conta | <i>Tachigali vulgaris</i> Aubl. | Fabaceae | Le | NC |
| Pururuca | <i>Casearia rupestris</i> Eichler | Flacourtiaceae | Le, Cç | NC |
| Carvão-vermelho | <i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul. | Fabaceae | MC, Cç | NC |
| Sucupira-preta | <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth | Fabaceae | MC | NC |
| Coração-de-negro | <i>Poecilanthe</i> sp. | Fabaceae | MC | NC |
| Peroba-mirim | <i>Aspidosperma macrocarpon</i> Mart. | Apocynaceae | Mo | NC |
| Peroba | <i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart. | Apocynaceae | Mo, Cç | NC |
| Guatambu | <i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC. | Apocynaceae | Mo, Cç | NC |

Tabela 1. Continuação.

| Nome vernacular | Nome científico | Família | Categoria de uso | VUsp |
|-----------------|-------------------------------------------|---------------|------------------|------|
| Louro | <i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC. | Boraginaceae | Mo, Cç | NC |
| Guanandí | <i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess. | Clusiaceae | Mo, Cç | NC |
| Aricá, carijó | <i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl | Lythraceae | Cç | NC |
| Fruta-banana | <i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart. | Sapotaceae | A | NC |
| Pé-de-perdiz | <i>Simarouba versicolor</i> A. St.-Hil. | Simaroubaceae | To | NC |
| Orvalho | <i>Eugenia dysenterica</i> Dc. | Myrtaceae | A | NC |
| Coroinha | <i>Compomanesia cambessedeanana</i> Berg. | Myrtaceae | A | NC |
| Araticum | <i>Annona crassiflora</i> Mart. | Annonaceae | A | NC |
| Araticum | <i>Annona coriaceae</i> Mart. | Annonaceae | A | NC |

Legenda = Categorias de uso: A = Alimentar; Le = Lenha; Cç = Construção; Me = Medicinal; MC = Mourões e Cercas; Mo = Moveis; Ut = Utensílio; VUsp = Valor de uso global de cada espécie; NC = Não calculado.

Guarim Neto (1985) ressalta o potencial da flora do cerrado do Estado de Mato Grosso, considerando o uso das espécies vegetais com diferentes finalidades, tais como, utilização da madeira, o valor medicinal e as com frutos comestíveis.

A Comunidade utiliza as espécies do cerrado com diversas finalidades, fazendo desde a extração de remédios como quina (*Strychnos pseudoquina* A. St.-Hil.), arnica (*Camarea ericoides* A. St.-Hil.), mangava-brava (*Lafoensia pacari* A. St.-Hil.), a coleta de frutos tais como o orvalho (*Eugenia dysenterica* DC.), a mangaba (*Hancornia speciosa* B.A. Gomes) o piqui (*Caryocar brasiliense* Cambess.), o uso de lenha, como a semaneira (*Byrsonima coccolobifolia* Kunth, *Byrsonima verbascifolia* (L.) Rich. ex Juss.), o angico (*Anadenanthera falcata* (Benth.) Speg.), e a fabricação de utensílios domésticos como peneiras e vassouras, utilizando o buriti (*Mauritia flexuosa* L.) e a bocaiúva (*Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.) como matérias primas.

Vale salientar a importância das espécies arbustivas e arbóreas como fonte de combustível (lenha), para preparar os alimentos. A busca da lenha no cerrado em geral é uma atividade feminina. As mulheres coletam ramos caídos no solo, confeccionando feixes desse material, que são amarrados e carregados até a moradia sob os braços ou na cabeça, esta protegida por pequena rodilha de tecido, para não machucar.

Atualmente, um dos grandes problemas das comunidades tradicionais do Centro-Oeste do Brasil, é a ausência de segurança alimentar, reforçada pela falta de mecanismos que promovam a geração de renda. Neste contexto o cerrado apresenta uma grande

riqueza de espécies negligenciadas que podem ser consideradas “plantas do futuro” (Agostini-Costa *et al.*, 2006).

Dentre as espécies nativas citadas para uso alimentar destacam-se o piqui (*Caryocar brasiliense* Cambess), a mangaba (*Hancornia speciosa* B.A. Gomes), o buriti (*Mauritia flexuosa* L.), o orvalho (*Eugenia dysenterica* Dc.), a fruta-banana (*Ecclinusa ramiflora* Mart.) muito apreciados pelos moradores, sendo obtidos através do extrativismo. As frutas do cerrado complementam a dieta alimentar do sitiante. Siqueira (1981); Guarim Neto (1985); Almeida & Silva (1994); Almeida *et al.* (1998); Proença *et al.* (2000) validam o potencial econômico das espécies frutíferas do cerrado para a vida e economia das populações humanas que habitam essas áreas.

Como planta tóxica foi apontada apenas a planta denominada popularmente de pé-de-perdiz (*Simarouba versicolor* A. St.-Hil.) que de acordo com os entrevistados não tem nenhuma utilidade. . “...Pé-de-perdiz não presta pra nada, esse é veneno, não presta pra remédio nem pra madeira, a lenha dele se a fumaça for no olho cega...” (mulher, 76 anos).

Os recursos vegetais do cerrado têm um papel importante na vida dos membros da comunidade pela diversidade de usos, manifestada na quantidade de espécies potencialmente econômicas que inclui as alimentícias, artesanal, medicinais, forrageiras, madeireiras, oleíferas, entre outros.

A riqueza de espécies do cerrado tanto da flora quanto da fauna é muito expressiva, representando cerca de 30% da biodiversidade brasileira (Eiten 1972; Ribeiro & Wal-

ter, 1998). O cerrado brasileiro está entre os biomas de maior diversidade florística do planeta com 6.249 espécies de plantas vasculares registradas até o momento (Mendonça *et al.*, 1998). Entretanto, em função da facilidade de desmatamento, boas condições de topografia e tipo de terreno, o cerrado representa a principal região brasileira, produtora de grãos e gado de corte. Com a ocupação das terras do cerrado para a produção agrícola mecanizada, as áreas nativas vêm sendo removidas em uma escala muito acelerada (Aguiar & Camargo, 2004). Myers *et al.* (2000) apontam que nada menos do que 80% da área original do cerrado já devem ter sido convertidas para áreas antrópicas, restando apenas 20% de áreas consideradas originais ou pouco perturbadas. Tal situação também pode ser percebida nos remanescentes de cerrado do município e Rosário Oeste, onde a necessidade de implantação de unidades de conservação de uso sustentável é extremamente necessária e urgente.

As plantas medicinais - Os entrevistados demonstraram um vasto conhecimento sobre plantas do cerrado com potencial medicinal, manifestado através das diferentes experiências práticas do cotidiano. A vegetação é percebida como fonte vital para a Comunidade, sendo um importante componente da paisagem do Sítio Pindura. Pode-se observar que o uso de plantas como medicamentos é antigo, constituindo parte integrante da cultura local, que é mantida e perpetuada entre seus membros.

Nesta categoria de uso, foram catalogadas 122 espécies, distribuídas em 109 gêneros e 59 famílias botânicas (Tab. 2).

Entre as plantas medicinais, a família botânica com maior número de espécies citadas foi Fabaceae (17), seguida de Bignoniaceae (7), Rubiaceae (6) e Vochysiaceae(6).

Percebe-se que este saber sobre as utilidades da flora é dinâmico, sendo fortemente

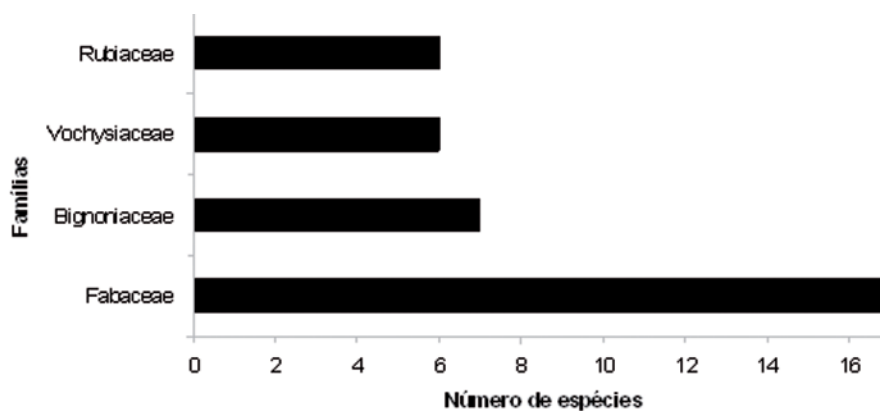


Fig. 2. Principais famílias botânicas e respectivo número de espécies usadas na medicina caseira pela Comunidade Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

Tabela 2. Espécies do cerrado utilizadas na medicina caseira pela Comunidade Sítio Pindura, Mato Grosso, Brasil.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|--------------------|------------------------------------------------------|------------------|-----------------|-------------------------|-----------------------------------------------------|
| Acopará | <i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Planch. & Triana | Clusiaceae | Óleo | Cozido | Bronquite |
| Aguaçú | <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng. | Areaceae | Castanha | Pó | Anemia |
| Algodão-do-campo | <i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg. | Cochlospermaceae | Raiz | Chá, garrafada | Inflamação em geral, problema de próstata |
| Amburana | <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm. | Fabaceae | Casca | Chá | Pneumonia |
| Amescica | <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand | Bursaceae | Casca | Chá | Gripe, dor de cabeça, luta da corrução *1 |
| Ananás, ananazinho | <i>Ananas sativus</i> Schult. & Schult. f. | Bromeliaceae | Raiz | Chá | Bronquite |
| Angélica, tiborna | <i>Himatantlus obovata</i> (M. Arg.) Wood | Apocynaceae | Folha | Chá | Depurativo |
| Angico | <i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg. | Fabaceae | Casca | Chá | Bronquite |
| Angiquinho | <i>Calliandra parviflora</i> Benth. | Fabaceae | Folha | Chá | Febre |
| Araçá | <i>Psidium firmum</i> O. Berg | Myrtaceae | Folha | Chá | Diabete |
| Arnica, arniquinha | <i>Camarea ericoides</i> A. St.-Hil. | Malpighiaceae | Raiz | Garrafada, chá, tintura | Infecção, machucadura, depurativo, dores musculares |
| Aroeira | <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão | Anacardiaceae | Casca | Chá, xarope | Diarréia |
| Assa-peixe | <i>Vernonia ferruginea</i> Less. | Asteraceae | Folha | Chá | Gripe |
| Azedinha | <i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. ex Zucc. | Oxalidaceae | Folha | Chá, banho | Diarréia, córdoi |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|-----------------------------|----------------------------------------------------|------------------|-------------------|------------------|----------------------------------------|
| Barbatimão-vermelho | <i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart. | Bignoniaceae | Casca, entrecasca | Molho, banho | Corrimento, inflamação |
| Barbatimão-amarelo; Faveira | <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville | Fabaceae | Casca, entrecasca | Molho, banho | Corrimento, inflamação, dor de barriga |
| Batação | <i>Holostylis reniformis</i> Duch. | Aristolochiaceae | Raiz | Pó, doce | Derrame, purgativo, estomago, fígado |
| Birici, semaneira | <i>Byrsonima coccolobifolia</i> Kunth | Malpighiaceae | Casca | Banho | Cicatrizante |
| Birici, semaneira | <i>Byrsonima crassa</i> Nied. | Malpighiaceae | Casca | Banho | Cicatrizante |
| Bocaiuveira | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. | Arecaceae | Fruto | Cozido | Bronquite |
| Butua | <i>Cissampelos ovalifolia</i> DC. | Menispermaceae | Raiz | Chá | Estomago |
| Caiapiá, carapiá | <i>Dorstenia asaroides</i> Hook. | Moraceae | Rizoma | Chá | Depurativo, gripe |
| Buriti | <i>Mauritia flexuosa</i> L. f. | Arecaceae | Semente | Maceração | Rins |
| Caiarãna | <i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer | Meliaceae | Casca | Garrafada | Fortificante |
| Cajuzinho-do-campo | <i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil. | Anacardiaceae | Raiz | Chá, banho | Diabete, inflamação |
| Calção-de-velho | <i>Cordia insignis</i> Cham. | Boraginaceae | Folha | Chá, garrafada | Dores em geral, reumatismo |
| Calunga | <i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil. | Simaroubaceae | Raiz | Chá | Estomago, verme |
| Cambará-amarelo | <i>Vochystia divergens</i> Pohl | Vochysiaceae | Folha | Xarope | Gripe, tosse |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|---------------------|-------------------------------------------------------------|----------------|-----------------|-----------------------|----------------------------|
| Caninha-do-brejo | <i>Costus arabicus</i> L. | Zingiberaceae | Rizoma | Chá | Rins |
| Capim-barba-de-bode | <i>Bulbostylis spadicifera</i> (H. B. K.) Kuk. | Cyperaceae | Planta inteira | Torrada ^{#2} | Fraqueza nas juntas |
| Capim-sapé | <i>Imperata brasiliensis</i> Trin. | Poaceae | Raiz | Chá | Incandescência |
| Capotão | <i>Salvertia convallariodora</i> A. St.-Hil | Vochysiaceae | Broto, casca | Chá | Diabete |
| Carandá | <i>Copernicia alba</i> Morong ex Morong & Britton | Arecaceae | Broto | Molho | Diarréia |
| Carobinha | <i>Jacaranda decurrens</i> Cham. | Bignoniaceae | Raiz | Garrafada, chá | Depurativo |
| Carrapicho | <i>Acanthospermum hispidum</i> DC. | Asteraceae | Planta inteira | Chá | Diabete |
| Carvão-branco | <i>Callisthene fasciculata</i> Mart. | Vochysiaceae | Casca, folha | Chá | Hepatite, incandescência |
| Cedro | <i>Cedrela fissilis</i> Vell. | Meliaceae | Casca | Molho | Para galinha não adoecer |
| Chá-de-frade | <i>Casearia sylvestris</i> Sw. | Flacourtiaceae | Folha | Chá | Anemia |
| Chapéu-de-couro | <i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli | Alismataceae | Folha | Chá | Problema de rins |
| Chá-porrete | <i>Centaurium umbellatum</i> subsp. <i>austriacum</i> Ronn. | Gentianaceae | Raiz | Chá | Rins |
| Chico-magro | <i>Guazuma ulmifolia</i> Lam. | Sterculiaceae | Folha | Cataplasma | Ferida, queimadura |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------|---------------|----------------------------|------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Cinco-folhas | <i>Serjania erecta</i> Radlk. | Sapindaceae | Rizoma | Garrafada | Depurativo |
| Cinco-folhas-do-campo | <i>Acosmium elegans</i> Vogel | Fabaceae | Folha | Chá | Depurativo |
| Cipó-chumbo | <i>Cassipouira filiformis</i> L. | Lauraceae | Folha | Chá | Gripe |
| Coroa-de-frade | <i>Discocactus heptacanthus</i> (Barb. Rodr.) Britton & Rose | Cactaceae | Planta inteira | Cataplasma | Íngua |
| Congonha, erva-molá | <i>Rudgea virbunioides</i> (Cham.) Benth. | Rubiaceae | Folha | Chá | Rins |
| Cumba | <i>Craniolaria integrifolia</i> Cham. | Martyniaceae | Fruta | Pó | Picada de cobra |
| Cumbaru | <i>Dipteryx alata</i> Vogel | Fabaceae | Casca | Maceração | Diarréia, cicatrizante |
| Douridão | <i>Palicourea rigida</i> Kunth | Rubiaceae | Folha | Chá | Rins |
| Douradinha | <i>Palicourea xanthophylla</i> M. Arg. | Rubiaceae | Folha | Chá | Rins |
| Embaúba | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | Cecropiaceae | Casca e água* ³ | Molho, in natura, dissolvido | Cicatrizante, diabete, dores musculares, dores na coluna |
| Erva molá | <i>Croton antisiphiliticus</i> Mart. | Euphorbiaceae | Folha | Chá | Rins |
| Erva-de-passarinho | <i>Psittacanthus</i> Mart. | Loranthaceae | Folha | Sumo | Sapinha |
| Figueira | <i>Ficus</i> sp. | Moraceae | Látex | Cataplasma | Verruga |
| Fruta do lobo | <i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil. | Solanaceae | Fruto verde | Doce | Fígado, hemorróida |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|----------------------------|-----------------------------------------------------|---------------|-------------------------------|---------------------|-----------------------------|
| Gerbão | <i>Stachytarpheta dichotoma</i> (Ruiz & Pav.) Vahl | Verbenaceae | Folha | Macera, banho | Fígado |
| Gergilim-do-mato | <i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke | Fabaceae | Casca | Maceração | Reumatismo |
| Gonçaleiro | <i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng. | Anacardiaceae | Casca | Banho | Gripe |
| Gravatá | <i>Bromelia balansae</i> Mez | Bromeliaceae | Raiz, fruta | Xarope | Bronquite, tosse |
| Hortelã-do-campo | <i>Hyptis cana</i> Pohl ex Benth. | Lamiaceae | Folha | Xarope | Gripe, verme |
| Insulina | <i>Cissus sicyoides</i> L. | Vitaceae | Folha | Chá (decoção) | Diabete |
| Ipê-roxo | <i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl. | Bignoniaceae | Casca | Garrafada | Batimento do coração |
| Japecanga | <i>Smilax goyazana</i> A. DC. | Smilacaceae | Água (tirar próximo do broto) | <i>In natura</i> | Dor-de-ouvido |
| Jatobá | <i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne | Fabaceae | Resina | Chá, xarope | Bronquite, gripe |
| Jequitibá, pilão-de-macaco | <i>Carimiana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze | Lecythidaceae | Casca, raiz | Chá, banho, tintura | Inflamação, dor muscular |
| Lixeira | <i>Curatella americana</i> L. | Dilleniaceae | Folha, casca | Chá | Diarréia, luta da corruição |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|---------------------------|------------------------------------------------|---------------|-----------------|---------------------------------------------|---------------------------------------|
| Lixinha | <i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil. | Dilleniaceae | Folha | Chá | (preguiça), cicatrizante |
| João-da-costa | <i>Peixotoa hirta</i> Mart. | Malpighiaceae | Raiz | Chá | Cicatrizante, rendidura ^{*4} |
| Malva-branca | <i>Waltheria douradinha</i> A. St.-Hil. | Sterculiaceae | Planta inteira | Chá | Dor no corpo, reumatismo |
| Mama-cadela; algodãozinho | <i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul | Moraceae | Raiz, casca | Chá, garrafada | Antibiótico, inflamação de mulher |
| Mamica-de-porca | <i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. | Rutaceae | Casca | Pó | Depurativo, rins |
| mama-de-porca | | | | | |
| Manacá | <i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil. | Rutaceae | Raiz | Garrafada | Reumatismo |
| Mangaba, mangava | <i>Hancornia speciosa</i> Gomes | Apocynaceae | Látex | <i>In natura</i> ^{*5} , cataplasma | Diabete, rendidura |
| Mangava-brava | <i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil. | Lythraceae | Casca | Molho | Estomago |
| Mão-de-anta | <i>Cybistax antiispyhilitica</i> (Mart.) Mart. | Bignoniaceae | Folha | Banho | Malina ^{*6} |
| Maquiné | <i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC. | Cycadaceae | Raiz | Chá, pó | Diarréia |
| Marcela | <i>Achyrocline saturoides</i> DC. | Asteraceae | Folha | Chá | Vomito, diarréia |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|--------------------------------|-----------------------------------------------------------|---------------|-----------------|-----------------------|----------------------------|
| Marmelada-bola | <i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC. | Rubiaceae | Folha | Chá | Gripe |
| Marmelina | <i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore | Rubiaceae | Casca | Chá | Rins |
| Milho-de-cobra | <i>Taccarum weddellianum</i> Brongn. ex Schott | Araceae | Rizoma | Cataplasma | Picada de cobra |
| Morcegueira | <i>Andira cuyabensis</i> Benth. | Fabaceae | Fruto | Pó | Verme |
| Negramina (quente) | <i>Siparuna guianensis</i> Aubl. | Siparunaceae | Folha | Banho | Malina |
| Nó-de-cachorro | <i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach. | Malpighiaceae | Raiz | Chá, <i>in natura</i> | Rins |
| Paininha (3 folhas peq.) | <i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. & Zucc.) A. Robyns | Bombacaceae | Raiz | Chá | Hemorróida |
| Para-tudo, paratudinho | <i>Gomphrena officinalis</i> Mart. | Amaranthaceae | Raiz | Chá, banho | Dentição |
| Pata-de-vaca (cabeluda) | <i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud. | Fabaceae | Folha, raiz | Chá | Diabete |
| Pata-de-vaca (lisa) | <i>Bauhinia</i> sp. | Fabaceae | Folha | Chá, banho | Derrame |
| Paratudinho | <i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl. | Bignoniaceae | Casca | Chá | Febre, tosse |
| Pau-de-bicho (capitão-do-mato) | <i>Terminalia argentea</i> Mart. | Combretaceae | Raiz | Chá | Diarréia |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|--------------------|----------------------------------------------|----------------|-----------------|----------------------|-------------------------------------------------|
| Pau-doce | <i>Vochysia rufa</i> Mart. | Vochysiaceae | Casca | Molho | Problema de vista (Lavar os olhos), diarreia |
| Pau-d'óleo | <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. | Fabaceae | Casca, óleo | Chá, diluído em água | Bronquite, coluna, gripe |
| Pau-de-alho | <i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms | Phytolaccaceae | Casca | Chá, banho | Derrame |
| Pau-terra | <i>Qualea grandiflora</i> Mart. | Vochysiaceae | Fruto | Melado | Friera |
| Pau-terra | <i>Qualea parviflora</i> Mart. | Vochysiaceae | Casca, broto | Chá | Estomago, insônia, diarreia |
| Pente-de-macaco | <i>Apeiba tibourbou</i> Aubl. | Tiliaceae | Raiz | Tintura | Dor muscular |
| Pinduva | <i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart. | Annonaceae | Casca | Chá | Coração (batedeira) |
| Piqui | <i>Caryocar brasiliense</i> Cambess | Cayocaraceae | Folha | Banho | Inflamação |
| Purga-de-lagarto | <i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken | Euphorbiaceae | Raiz | Chá | Purgante |
| Queiroba | <i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc | Arecaceae | Palmito | Assado | Fígado |
| Quina | <i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil. | Loganiaceae | Casca | Maceração | Anemia, queda-de-cabelo |
| Rabo-de-caxinganga | <i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm. | Polypodiaceae | Rizoma | Chá, Xarope, pó | Incandescência, tiriça ³⁷ , hepatite |
| Raiz-de-bugre | <i>Byttneria melastomifolia</i> A. St.-Hil. | Sterculiaceae | Raiz | Chá, garrafada | Infecção de garganta, reumatismo |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|------------------------|--------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------|---------------------------|------------------------------|
| Rosquinha, saca-rolhas | <i>Helicteres sacarolha</i> A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess. | Sterculiaceae | Raiz | Chá, garrafada | Depurativo, mulher resguardo |
| Ruibarbo-do-campo | <i>Trimezia juncifolia</i> Klatt | Iridaceae | Casca | Chá, pó | Depurativo |
| Salsa-do-mato | <i>Herreria salsaparrilha</i> Mart. | Bignoniaceae | Folha | Chá | Depurativo |
| Sangra-d'água | <i>Croton urucurana</i> Baill. | Euphorbiaceae | Casca | Chá | Inflamação |
| Sene | <i>Chamaecrista desvauxii</i> (Collad.) Killip | Fabaceae | Folha | Chá (decoção) | TPM, incomodo de senhora |
| Sete-sangria | <i>Euphorbia hyssopifolia</i> L. | Euphorbiaceae | Planta inteira | Chá | Afina o sangue |
| Siputá | <i>Salacia elliptica</i> (Mart. ex Schult.) G. Don | Hippocrateaceae | Folha | Chá | Diabete |
| Sucupira, fava | <i>Pterodon pubescens</i> (Benth.) Benth. | Fabaceae | Fruto | Chá, garrafada, maceração | Gripe, infecção |
| Sussuara | <i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gleason | Asteraceae | Planta inteira | Chá | Gripe |
| Tapera-velha | <i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit. | Lamiaceae | Folha, raiz | Chá, banho | Rins |
| Tarumã | <i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng. | Verbenaceae | Casca, broto | Pó | Hemorróida |
| Timati | <i>Myrcia albotomentosa</i> DC. | Myrtaceae | Entrecasca | Cataplasma | Dor de dente |

Tabela 2. Continuação.

| Nome vernacular | Espécies | Família | Parte utilizada | Forma de preparo | Aplicabilidade terapêutica |
|----------------------------------------|-----------------------------------------------------------|--------------|-----------------|------------------|----------------------------------|
| Timbó-mirim | <i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd. | Sapindaceae | Rizoma | Chá | Secante de feridas |
| Tripa-de-galinha, cipó-tripade-galinha | <i>Bauhinia glabra</i> Jacq. | Fabaceae | Caulé, raiz | Chá | Diarréia |
| Urtiga, juá | <i>Solanum viarium</i> Dun | Solanaceae | Espinho | Cataplasma | Zipela* ⁸ |
| Velame | <i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg. | Apocynaceae | Raiz | Maceração | Depurativo |
| Veludo-branco | <i>Guettarda viburnioides</i> Cham. & Schl. | Rubiaceae | Casca | Chá | Dor nas cadeira, rins |
| Verga-tesa, alecrim-do-campo | <i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J.F. Souza | Bignoniaceae | Planta inteira | Maceração | Hipertensão, coração (batedeira) |
| Vinhático | <i>Plathymenia reticulata</i> Benth. | Fabaceae | Casca | Garrafada | Reumatismo, hemorroída |
| Ximbuva | <i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong | Fabaceae | Casca | Chá, banho | Hemorroída |

*1. Luta da corrução – "...É uma moleza que dá no corpo, uma preguiça que agente só quer ficar deitado, dá iní febre, parece que a gente ta gripado..."

*2. Torrada - processo de secagem da planta no fogão à lenha.

*3. Água da planta – consiste em fazer um furo no caule da planta (no fim da tarde) e colocar uma vasilha para aparar a água até a madrugada do dia seguinte.

*4. Renditura – "... esse dá em menino, é quando o saco fica rendido e vai caindo, se não cuida morre..."

*5. In natura – consiste em dissolver gotas do látex da mangabeira em água.

*6. Malina – "É uma dor de cabeça que doi lá no miolo, é muito perigosa, tem de cuida, quem trabalha muito no sol quente fica mais doente, porque o sol dá essa

quentura na cabeça, mas aqui tem gente que benze contra quentura..."

*7. Tiriça – "...É um amarelão que dá no corpo, e dá um desconforto e uma dor no pé da barriga..."

*8. Zipela – "... é uma vermelhidão que dá na pele, e dói muito..."

transmitido através da oralidade, residindo aí também um dos motivos da importância do registro escrito deste conhecimento, necessário para a manutenção de um saber local consolidado no cotidiano das vivências e experiências humanas. Os entrevistados demonstraram grande respeito aos poderes curativos das plantas, como abaixo transcrito:

“... todas as plantas deve ter alguma serventia, deve servir como remédio pra curar alguma doença, agente que não sabe, se tá aqui é porque é boa e servem pra alguma coisa...” (mulher, 76 anos).

Entre os entrevistados, cada espécie possui uma forma de uso, que envolve desde a parte coletada até a forma e período do dia e estação a ser colhida:

“... para tirar a água da embaúba tem que fazer pra tirar a água da embaúba tem que fazer

um furo de tardinha na casca, e colocar uma vasilha pra aparar a água, e só tirar cedinho, tem de ser no inicio da seca que é quando tem mais água...” (mulher, 69 anos).

As principais partes das plantas citadas para o preparo de remédios caseiros foram a casca, a folha e a raiz (Fig.3).

Sobre este aspecto, Pasa *et al.* (2005) também apontaram a casca, a raiz e a folha como as partes mais usadas pela Comunidade de Conceição-Açu, em Cuiabá, Mato Grosso.

Morais (2003) salienta que o uso de folhas no preparo dos chás é expressivo, destacando-se das demais partes das plantas usadas na Comunidade do Sítio Angical, comunidade também do município de Rosário Oeste.

È sabido que as plantas possuem diferentes concentrações de compostos químicos em

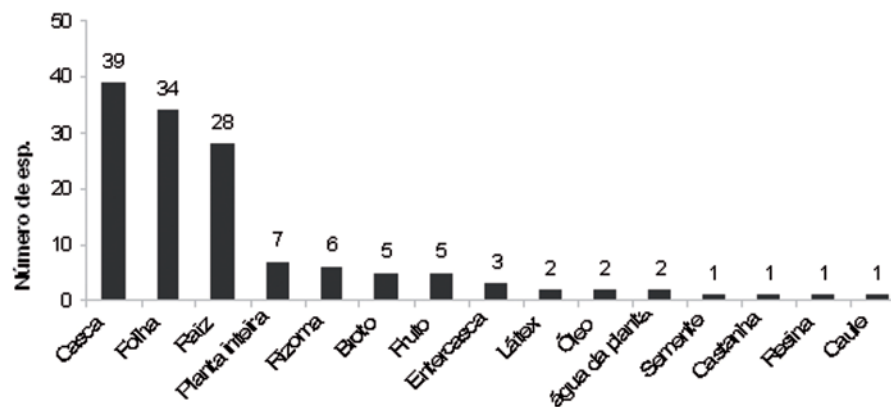


Fig. 3. Partes das plantas usadas na medicina caseira na Comunidade do Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

suas partes. Ao longo do tempo foi desenvolvido um conhecimento que permitiu ao ser humano conhecer quais partes são mais úteis para uma dada finalidade. Pode-se concluir que a utilização das folhas como remédio pode ser vista como uma estratégia de manejo, coletando um órgão que não comprometerá o desenvolvimento da planta. Em contrapartida, houve destaque para a utilização de cascas e raízes, partes que se coletadas sem cuidados podem colaborar para o comprometimento das espécies:

“...A arniquinha, só usa a raiz, aí agente põe no álcool, na garrafada ou faz o chá, mas hoje tá mais difícil de encontrar, têm uns lugares que eu sei que tem, mas o povo que mora praquelas banda tira muito...” (mulher, 76 anos).

Foram mencionadas pela população local, várias formas de utilização das plantas, sendo que a mais expressiva foi o chá, com

43%, no entanto outras formas também foram citadas (Fig. 4).

Através da bibliografia analisada para esta pesquisa, podemos apontar que ainda há grande carência de estudos voltados para a identificação de espécies com potencial medicinal no cerrado. Portanto, faz-se necessária a realização de pesquisas como esta, para que possibilitem subsidiar posteriores estudos, como por exemplo, das qualidades terapêuticas destas plantas, antes que o conhecimento e as espécies desapareçam.

Etnoclassificação: como a comunidade percebe o ambiente circundante - o conhecimento sobre a biodiversidade do cerrado estabelece-se pela transmissão cultural processada pela relação cotidiana da Comunidade, e a forma como percebe os recursos vegetais a sua volta é manifestado através de suas experiências práticas.

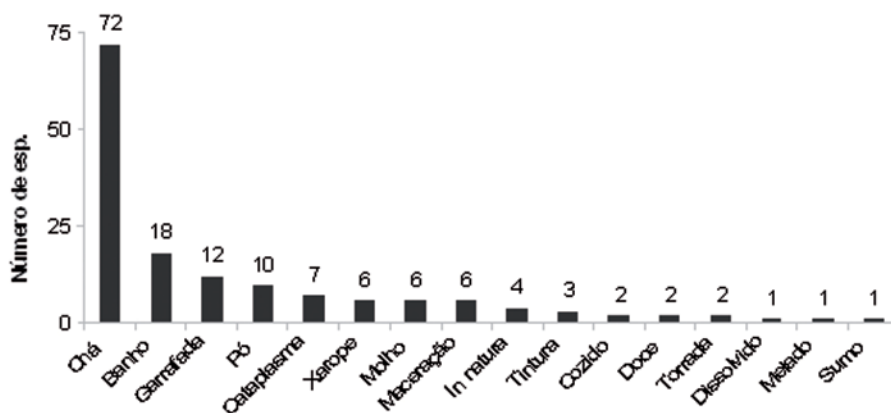


Fig. 4. Principais formas de uso das plantas usadas na medicina caseira na Comunidade do Sítio Pindura, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.

A identificação dos vegetais geralmente se dá pela percepção visual, tátil e olfativa treinada através da observação da flora. A tabela 3 resume como são classificados e sistematizados aspectos relacionados às plantas, em relação a uma classificação eticista (pela Ciência) e emicista (pela Comunidade).

Os moradores da Comunidade Sítio Pindura identificam as espécies vegetais através de seus nomes populares, usando principalmente as partes foliares, os caules e frutos para

esse reconhecimento. O que expressa o valor da planta para a população é a sua utilidade, assim as espécies com maior número de usos são mais valorosas.

Analisando e utilizando os dados referentes à fisionomia da vegetação local, e partindo da percepção e classificação oral da comunidade estudada, podemos indicar, com relação às unidades de paisagem do cerrado, seis tipos de fisionomias: “Cerrado de pedra”, “Cerrado de areia”, “Mata”, “Várzea”, “Chapada” e “Campo” (tabela 4).

Tabela 3. Sistema perceptivo e classificatório: etnotaxonomia das espécies vegetais.

| COMPONENTE ÉTICO | COMPONENTE ÊMICO |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Súber | Casca – “... A mangava-brava agente conhece pela casca, é aquela que tá sempre descascando...” |
| Tronco | Pau – “...O cumbaru é fácil de sabe, é só olha o pau dele que nunca mais esquece quando ver outro...” |
| Pigmentação | Cor – “... Muitas plantas tem cor diferente, igual o barbatimão que tem dois, um é da casca amarela e o outro é do vermelho...” |
| Folha | Forma da folha – “... Essa planta aqui chama mão de anta, sabe por quê? A folha é iguazinha uma mão de anta...” Cheiro – “... a negramina agente sabe qual é só pelo cheiro, vê o tanto que fede...” |
| Composição química | Planta quente – “... as plantas quentes dão calor, quando tá com gripe ou resfriado tem que tomar remédio de planta quente, mas depois que toma não pode sair na friagem e nem tomar banho frio, essas são perigosa, tem que ter dieta se toma...” Planta fria – “... essas planta fria são fresca, num pode nem pensar em tomar ela se tiver gripado, faz um mal que só vendo, essas planta tira o calor, é bom tomar quem tá com febre...” |

Tabela 4. Sistema perceptivo e classificatório: etnotaxonomia das unidades de paisagem.

| TIPOLOGIA TRADICIONAL | TIPOLOGIA FOLK |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Unidades de Paisagens | |
| CERRADO (s.s.) - Formado por espécies subarbustivas e herbáceas, inclinadas, tortuosas, com ramificações retorcidas. As plantas lenhosas são entremeadas por gramíneas. | CERRADO de PEDRA - “... no Cerrado de pedra as plantas são baixas, bem tortas e com bocado de capim, tem bastante lixeira (.....), Capotão (.....), semaneira (.....), pau-terra (.....) Timatí (....), acoita-cavalo (.....) e Magabeira (.....)” |
| CERRADO de AREIA – cerrado de solo arenoso, em geral com poucas plantas lenhosas e com herbáceas aparentes. | CERRADO de AREIA - “... o Cerrado de Areia é aquele que tem muita areia, e as planta que mais tem é babaçu (.....) e tucum(.....), tem pouca plantas de outras qualidade, mais é esses que dá coquinho...” |
| CERRDÃO e MATA CILIAR - Formado por arvores mais altas, mais eretas, com espécies de Cerrado (s.s.) e Cerrado (l.s.). | MATA – “... Esse tem as plantas mais altas, a fava-preta (.....), o carvão-branco (.....), o carvão-vermelho (.....), o vinhático (....) e jequitibá (....) ...” |
| VEREDA – O buriti (.....) é uma espécie emergente nesta unidade e apresenta solo hidromórficos, saturado a maior parte do ano. | VARZEA – “...A várzea é aquele ali do fundo do quintal, que tem os buriti (.....) e fica um alagado, lá tem bastante hortelã-da-várzea ...” |
| CERRADO RUPESTRE – com herbáceas, lenhosas e em altitude, em morrais (elevações). | CHAPADÃO – “... Nesses chapadão tem bastante morro, esse aí da Serra do Marzagão é um chapadão, tem bastante Timatí (....) e pau-terra (.....) ...” |
| CAMPO – Estrato predominante herbáceo-arbustivo, com baixa estatura, com uma densa camada de gramínea. | CAMPO – “...É no campo que agente deixa o gado porque tem muito capim e pouca arvore, bem ralo que mato lá...” |

No estudo sobre caracterização das unidades de paisagens do cerrado foi observado que os membros da comunidade usam a palavra “mato” para designar a vegetação. Então, quando se pergunta: “quais os tipos de mato que tem por aqui?”, eles indicam: “cerrado”, “mata”, “várzea”, “chapadão” e “campo” para distinguir os tipos de vegetação, classificando o cerrado em dois tipos: “Cerrado de pedra” e “Cerrado de areia”.

A relação com o meio ambiente está aliçada na subsistência e no uso de diferentes tipos de unidades de paisagem e sua integração com a natureza proporciona várias práticas e atividades, de forma a maximizar o uso desses ambientes, como a extração e coleta dos recursos vegetais, pesca, caça, agricultura e pecuária de pequena escala.

CONCLUSÃO

A Comunidade do Sítio Pindura demonstrou um profundo conhecimento do cerrado, experimentado através da convivência, observando-o de perto e explorando suas potencialidades no cotidiano. Desta maneira a vegetação que os cerca desempenha um papel importante na sobrevivência desta Comunidade.

A Comunidade do Sítio Pindura possui um histórico cultural de interações com o ambiente cerrado, sustentada por um saber ecológico local, pois manejam e conservam os fragmentos de cerrado que servem como fonte direta de recursos naturais para Comunidade, de onde se obtém remédios, frutos comestíveis, lenhas e madeiras que são úteis e exploram ainda a possibilidade de criação de gado doméstico.

Este saber sobre os recursos vegetais do cerrado é fruto de suas adaptações e interações com o ecossistema, conhecimento adquirido por meio de observações e experimentação, que gera um saber ecológico que é materializado em suas práticas cotidianas.

A Comunidade desenvolveu ao longo do tempo uma multi-utilização do ambiente e mais precisamente do cerrado, manipulando a paisagem natural, mas mantendo a heterogeneidade de habitat e maximizando o uso da variabilidade biológica.

O multiuso que fazem do cerrado proporciona adaptações às condições ambientais e às variações sazonais, requerendo um manejo adaptativo ecológico de forma que desenvolveram um profundo conhecimento dos recursos e de seus ciclos ecológicos de renovação.

Assim, podemos caracterizar essa Comunidade como tradicional, com base nas condições de tempo de vivência, adaptabilidade à região e à manutenção de saberes e fazeres peculiares, demonstrando que o ambiente e mais precisamente a utilização das plantas convergem para a sustentabilidade das atividades tradicionais desenvolvidas pelos seus membros, homens e mulheres, seres humanos perfeitamente ajustados às paisagens regionais.

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece a CAPES pela Bolsa concedida. Agradecemos ainda ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, pelo apoio financeiro ao Projeto e à comunidade pela

colaboração na pesquisa. Ainda, à Profa. Dra. Carmen E. Rodriguez Ortiz pelo resumo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostini-Costa, T. da S.; Silva, D.B. da; Vieira, R.F.; Sano, S.M. & Ferreira, F.R., 2006. "Espécies de maior relevância para a região Centro-Oeste". In: *Frutas nativas da região Centro-Oeste. Brasília*. EMBRAPA. Recursos Genéticos e Biotecnologia.
- Aguiar, L.M.S. & Camargo, A.J.A., 2004. *Cerrado: ecologia e caracterização*. Brasília: EMBRAPA.
- Almeida, S.P. de & Silva, J.A., 1994. *Piqui e buriti – importância alimentar para populações dos cerrado*. Planaltina (DF): EMBRAPA/CPAC.
- Almeida, S.P. de; Proença, C.E.B.; Sano, S.M. & Ribeiro, J.F., 1998. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina (DF): EMBRAPA/CPAC.
- Alexiades, M., 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York: The New York Botanical Garden.
- Becker, H.S., 1993. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Ed. HUCTEC.
- Campos, M.D'O., 2002. "Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas?" In: Amorozo, M.C.M. et al. *Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq.
- Coutinho, L.M., 1978. "O conceito de Cerrado". *Revta. brasil. Bot.*, **1**: 17-23.
- Duarte, T.G., 2001. *Um estudo etnoecológico sobre o uso de recursos vegetais em Nova Xavantina, Mato Grosso*. 134f. 2001 Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) – Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: Mato Grosso.
- Eiten, G., 1972. "The cerrado vegetation of Brazil". *The Botanical Review*, **38**: 210-341.
- Ferreira, J.C.V., 2001. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação/Ed. Buriti.
- Geertz, C.O., 2000. *Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Guarim Neto, G., 1984. "Plantas medicinais utilizadas na medicina popular cuiabana- um estudo preliminar". *Rev. Universidade*, **4**(1): 45-50.
- , 1985. "Espécies frutíferas do cerrado Matogrossense (I)". *Boletim da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza*, **20**: 46-56.
- , 1987. *Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso*. Brasília: CNPq.

- Guarim Neto, G., 1996. *Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso*. Brasília, ABEAS.
- , 2001. “Flora medicinal, populações humanas e o ambiente de cerrado”. *Horticultura brasileira*, **19**: 203-206.
- Guarim Neto, G. & Morais, R.G. de., 2003. “Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico”. *Acta Bot. Bras.*, **17**(4): 561-584.
- Guarim Neto, G.; Guarim, V.L.M.S.; Moreira, D.L.; Amaral, C.N. do & Ferreira, H., 2007. *Estudo da flora, caracterização da vegetação e etnobotânica no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso*. subsídios para conservação dos recursos vegetais em Cerrado. Cuiabá. UFMT/CNPq. Relatório final apresentado ao CNPq.
- IBGE., 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico ano 2000*. Brasília: IBGE.
- Kaplan, M.A.C.; Figueiredo, M.R. & Gottlieb, O.R., 1994. “Chemical diversity of plants from Brazilian Cerrados”. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, **66**(Supl. 1-parte I): 50-55.
- Martin, G.J., 1995. *Ethnobotany. a methods manual*. London: Chapman & Hall.
- Mendonça, R.C. de; Felfili, J.M.; Walter, B.M.T.; Junior, M.C.S.; Rezende A.V.; Filgueiras, T.S. & Nogueira, P.E., 1998. “Flora vascular do cerrado”. In Sano, S. M. & Almeida, S. P. *Cerrado: Ambiente e flora*. Planaltina (DF): EMBRAPA.
- Miranda, L. & Amorim, L., 2000. *Mato Grosso: atlas geográfico*. Cuiabá: Entrelinhas.
- Myers, N.; Mittermeier, R.A.; Mittermeier, C.G.; Fonseca, G.A.B. & Kents, J., 2000. “Biodiversity hotspots for conservation priorities”. *Nature*, **403**: 852-858.
- Morais, R.G., 2003. *Plantas medicinais e representações sobre saúde e doenças na Comunidade de Angical (Rosário Oeste, MT)*. 153f. 2003 (Dissertação de Mestrado em Saúde e Ambiente – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Noda, H., 2000. *Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira*. 182f. 2000 (Tese de Doutorado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade)-Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.
- Pasa, M. C.; Soares, J.J. & Guarim Neto, G., 2005. “Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá-Açu, MT, Brasil)”. *Acta bot. Bras.*, **19**(2): 195-207.
- Posey, D.A., 1987. “Etnobiologia: teoria e prática”. In: Ribeiro, B. *Suma etnobiológica Brasileira*. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis.

- Proença, C.; Oliveira, R.S. & Silva, A.P., 2000. *Flores e frutos do cerrado*. Brasília: EdUnB.
- Ratter, J.A.; Ribeiro, J. F. & Bridgewater, S., 1997. "The brazilian cerrado vegetation and threats to its biodiversity". *Annals of Botany*, **80**: 223-230.
- Ribeiro, J.F.; Fonseca, C.E.L. & Sousa-Silva, J.C., 2001. *Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina (DF): EMBRAPA.
- Ribeiro, J.F. & Walter, B.M.T., 1998. "Fitofisionomias do bioma cerrado". In Sano, S.M. & Almeida, S.P. *Cerrado: Ambiente e flora*. Planaltina (DF): Embrapa.
- Siqueira, J.C., 1981. *Utilização popular das plantas do cerrado*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Thiollent, M., 1994. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- Van Den Berg, M.E., 1980. *Contribuição a flora medicinal do Estado de Mato Grosso*. Ciência e Cultura. Suplemento. VI Simpósio de plantas medicinais do Brasil. pp. 163-170.
- Vieira, R.F. & Martins, M.V.M., 2000. "Recursos Genéticos de Plantas Medicinais do Cerrado: uma compilação de dados". *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, **3**(1): 13-36.
- Xavier, F.F., 2005. *Conhecimento ecológico tradicional e recursos vegetais em Nossa Senhora da Guia, Cuiabá-Mato Grosso*. 89f. 2005 (Dissertação de Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) - Instituto de Biociências, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT.

Recibido: 18 enero 2008. Aceptado: 7 enero 2009.